DISCURSO POLÍTICO-MIDIÁTICO TOCANTINENSE: UMA ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DO DISCURSO AGRO NO JORNAL OPÇÃO

Damião Francisco Boucher (UFT)[1]
Thiago Barbosa Soares (UFT)[2]

Resumo: O presente artigo analisa o discurso político-midiático sobre o agronegócio no Tocantins, a partir de um enunciado jornalístico que expõe dados sobre a produção agropecuária desse Estado. Utilizando-se do ferramental teórico-metodológico da Análise Arqueogenealógica do Discurso, a pesquisa busca compreender como se constitui a episteme econômica tocantinense, retratando também seus habitantes prioritariamente por meio de sua relação de saber com o agronegócio. Por meio das noções de discurso, enunciado, formação discursiva, dispositivo e episteme, a análise mapeia as regras de visibilidade e de dizibilidade que sustentam essa representação, expondo as relações de saber-poder que a constituem. Argumenta-se que a materialidade linguística, "Tocantins tem quase oito vezes mais gado do que habitantes, aponta Pesquisa Pecuária Municipal", publicada pelo Jornal Opção, em 20 de setembro de 2025, atua como um dispositivo que legitima a episteme do agronegócio tocantinense, integrando regimes de saber os quais valorizam a produtividade animal e invisibilizam corpos humanos, bem como outras formas de ser e estar no mundo. O artigo traz resultados acerca das possíveis contribuições da Análise Arqueogenealógica do Discurso para a crítica dessas relações de saber-poder e a promoção de uma visão menos ingênua sobre as práticas discursivas.

Palavras-chave: Discurso político-midiático. Agronegócio. Tocantins.

Abstract: The present article analyzes the political-media discourse on agribusiness in Tocantins, based on a newspaper statement that exposes data on agricultural production in the state. Using the theoretical-methodological framework of the Archaeogenealogical Analysis of Discourse, the research seeks to understand how the economic episteme of Tocantinense was constituted, also portraying its inhabitants primarily through their relationship of knowledge with agribusiness. By means of the notions of discourse, enunciation, discursive formation, device and episteme, to analyze maps of the rules of visibility and dizibilidade that sustain this representation, I expose the relationships of knowledge-power that constitute them. It is argued that the linguistic materiality, "Tocantins tem quase oito vezes mais gado than inhabitants, suggests Pesquisa Pecuária Municipal", published by Jornal Opção, on September 20, 2025, acts as a device that legitimizes the episteme of Tocantinese agrobusiness, integrating regimes of knowledge that are valued animal productivity and invisibility of human bodies, like other ways of being and being in the world. The article draws results about the possible contributions of the Arqueogenealogical Analysis of Discourse for the critique of knowledge-power relations and the promotion of a less naive view of discursive practices.

Keywords: Political-media discourse. Agribusiness. Tocantins.

[1] Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Bolsista de doutorado CNPq, e-mail: boucherplace@gmail.com.

[2] Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professor do Curso de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Bolsista de Produtividade CNPq2, e-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

1 Considerações iniciais

O Tocantins, estado mais novo da federação brasileira, é frequentemente retratado no imaginário nacional como um espaço de fronteira, marcado pela expansão agrícola e pela promessa de progresso. Essa narrativa histórica se entrelaça com o desenvolvimento do agronegócio, setor que se consolidou como a principal força motriz de sua economia. Desde a sua criação, o estado foi projetado como um polo de desenvolvimento agropecuário, atraindo grandes investimentos e contingentes populacionais em busca de novas oportunidades (Soares; Boucher, 2023). No entanto, essa história de “progresso” e “prosperidade” é um campo de batalha discursivo, no qual o agronegócio não é somente uma atividade econômica, mas um acontecimento que modela identidades e invisibiliza conflitos.

No Tocantins, a redução da demanda por mão de obra pouco qualificada, característica do novo paradigma agroindustrial, resulta não apenas em desemprego rural, mas também em concentração de renda, desaparecimento de pequenas propriedades e intensificação do êxodo rural. Historicamente, atividades intensivas em mão de obra, como corte manual de cana-de-açúcar, deram lugar à mecanização em função de regulamentações ambientais e pressões por eficiência econômica (Alves, 2014), reduzindo postos de trabalho e promovendo a realocação de trabalhadores para setores industriais e de serviços nas regiões caráter mais técnico (Oliver; Figueirôa, 2006). Estudos recentes revelam que ocupações com alta probabilidade de automação apresentam uma chance significativamente menor de manutenção do emprego (IBGE, 2019), especialmente no segmento agropecuário brasileiro, que permanece como um dos mais impactados pela automação no país.

Diante dessa problematização, a mídia, como um poderoso dispositivo de saber-poder, desempenha um papel central na construção e disseminação dos discursos sobre o agronegócio e a economia (Soares, 2022), reforçando uma vontade de verdade (Foucault, 2014) hegemônica de dada região e, de forma paralela, de como seus habitantes são retratados nessa relação (Soares; Boucher, 2023, 2024). Diante dessa trifurcação discursiva na qual os dispositivos dos campos político, midiático e agropecuário se encontram, sustenta-se uma formação discursiva heterogênea e arquipotentes cuja função é retroalimentar uma verdade, ou melhor, uma episteme (Foucault, 2017) na qual o agronegócio sustenta a vida no Estado, aparentemente sem alternativas igualmente lucrativas para substituí-la.

Diante dessa contextualização, para estruturar argumentativamente esta exposição e possibilitar a verificabilidade do funcionamento discursivo, este artigo é constituído por três

partes distintas, a saber, **Considerações teórico-metodológicas**, **Análise: discurso agro** e **Considerações finais.** Em **Considerações teórico-metodológicas**, as noções de discurso, enunciado, formação discursiva, dispositivo e episteme são apresentadas. **Na seção Análise: discurso agro**, as noções supracitadas são mobilizadas no processo de descrição e interpretação das relações de saber-poder no texto sob exame. Por fim, na seção **Considerações finais**, verificam-se as prováveis contribuições e os possíveis desdobramentos mediante a descrição-interpretação empreendida. Após essas considerações, passa-se à próxima seção.

2 Considerações teórico-metodológicas

Os regimes de saber-poder na sociedade são constituídos por discursos. Conforme postula Foucault (2014, 2017), o discurso atua como motor que gera a tradição e a influência, sendo uma prática social que, independentemente das leis naturais, é responsável por instituir a ordem em uma determinada sociedade, dada a interligação entre o linguístico e o histórico (Soares, 2025a). É crucial sublinhar que, nessa ótica arqueogenealógica, o discurso é capaz de "pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns" (Revel, 2005, p. 37). Esta abordagem se diferencia do reducionismo, que se limita a mencionar poderes e saberes sem explorar a fundo a análise da linguagem e de seu papel essencial na materialização do pensamento (Foucault, 2017). Como, por exemplo, do idealismo, que ignora as circunstâncias concretas de produção do discurso, e do formalismo, que se detém na simples análise textual.

Diante dessa bifurcação epistemológica, a análise arqueogenealógica do discurso não foca no sujeito como o autor produtor de um efeito, mas no discurso como estrutura histórica, material e institucional que produz os sujeitos, configura as condições de possibilidade do dizer e estabelece as regras que delimitam o que pode ser enunciado em determinado tempo e espaço (Foucault, 2017). Sob o domínio desses discursos estão o próprio funcionamento da língua, o ato de interpretação e, consequentemente, o fazer analítico. A respeito dessa ordem que delimita (ou limita) toda produção do saber, Soares (2024) alerta que:

> Se a verdade, a falsidade ou, em última instância, a própria ciência são mecanismos para controlar o conhecimento e o poder, então o que distingue os limites dos discursos é precisamente a gestão de seus regimes de verdade. Portanto, interpreta-se o que se deve ou o que se pode. Contudo, se a estabilidade das verdades transmitidas pelos discursos e suas interpretações estabelecidas pode divergir, surge um conflito potencial (e generalizado):

> verdades e interpretações podem ser escolhidas de acordo com o estado de espírito predominante[3] (Soares, 2024, p. 8).

Por meio dessa reflexão, torna-se imprescindível a compreensão de noções que auxiliam o analista a se distanciar de certas perspectivas interpretativas, as quais reduzem os discursos a meros elementos linguísticos ou a simples códigos a serem transmitidos (Soares, 2024). Para além da concepção de discursos como os já mencionados, o exame arqueogenealógico concebe o discurso como um conjunto de práticas, regras, saberes e instituições que organizam, regulam e constituem o que pode ser dito, pensado e percebido em determinado momento histórico (Foucault, 2014). Portanto, o analista sob esse regime de saber procura entender como se deu a formação histórica do conhecimento, das práticas e das instituições a partir do cruzamento entre as relações de saber e de poder (Soares, 2025a) que se manifestam nesses discursos.

Diante dessa perspectiva, o discurso é tratado como um agrupamento histórico de enunciados. É sustentado por um mesmo sistema de formação, o qual define o dizer e o não dizer (Foucault, 2014). Por essa razão, é possível compreender a materialização e constituição do enunciado a partir de diversos objetos, tais como "ícone, índice e símbolo" (Soares, 2018, p. 95). No discurso midiático, esses signos se apresentam como palavras, números que trazem valores estatísticos, imagens, organização por números ordinais, pronomes demonstrativos, etc. Assim, o enunciado torna-se a materialidade perceptível dos discursos circulantes. Em outros termos, o enunciado não se limita a "uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem [...], mas uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço" (Foucault, 2017, p. 104-105).

Ao perceber que o enunciado se constitui como uma função a qual permite a existência de fragmentos linguísticos e não linguísticos, em um determinado domínio do discurso, passa-se também a depreender a formação discursiva como o espaço no qual os enunciados se unem e a episteme se materializa. De acordo com Soares (2019), as formações discursivas "podem ser vistas como 'regiões do dizível'" (Soares, 2019, p. 47, aspas do autor) e operam como um sistema de possibilidades delimitado, ou seja, áreas estruturadas do que pode e deve ser dito. De outra maneira, Foucault (2017) afirma que uma formação discursiva é o que se pode identificar

[3] Tradução do original: *si la verdad, la mentira o, en el límite, las ciencias son dispositivos de control del saber y del poder, lo que diferencia las fronteras de los discursos es precisamente la gestión de sus regímenes de verdad. Por tanto, se interpreta lo que se debe o lo que se puede. Sin embargo, si la estabilidad de las verdades transmitidas por los discursos y sus interpretaciones consolidadas pueden ser diferentes, parece surgir un posible conflicto (generalizado): las verdades y las interpretaciones pueden elegirse según el sabor del momento.*

quando há uma regularidade e um padrão consistente entre um conjunto de enunciados, porquanto seguem as mesmas regras de formação, existência e organização (Foucault, 2017).

De posse da compreensão acerca do funcionamento dos enunciados e das formações discursivas, o trabalho é entender como os dispositivos operam. Para Veyne (2009, p. 73), os dispositivos são "as leis, actos, palavras ou práticas que constituem uma formação histórica, quer seja a ciência, o hospital, o amor sexual ou o exército". Para Soares e Boucher (2024, p. 47), "o dispositivo, conforme seu domínio de atuação, coloca em marcha uma ou mais formações discursivas, a depender das relações de poder segundo as quais seu funcionamento dá-se no circuito social". Assim, o conceito de dispositivo se encaixa em uma hierarquia como algo mais complexo que as formações discursivas, atuando como uma rede de elementos heterogêneos que permitem a existência do discurso e do saber. Nesse sentido, enquanto as formações discursivas são as regras dos enunciados, o dispositivo é a rede que as integra.

Diante dessa breve explicação acerca do enunciado, da formação discursiva e do dispositivo, entende-se que a vontade de verdade engendrada em um dado discurso (Foucault, 2014), bem como os regimes de saberes e os dispositivos que os sustentam, são formados por condições históricas que permitem o surgimento e a atualização de certos saberes, como os que serão explorados sobre o agronegócio no Tocantins. Assim, a noção de episteme é delineada para se perceber as condições de possibilidade desses dizeres.

A episteme ajuda no entendimento das restrições impostas ao discurso em um dado momento, no entanto, não se pode concebê-la como "um sistema unitário, coerente e fechado" (Revel, 2005, p. 41) ou como um domínio histórico que impõe uma determinação rígida. Nesse sentido, a episteme como "verdade de uma época" representa "um feixe de relações e de deslocamento" (Foucault, 1999 apud Revel, 2005, p. 42), ou seja, uma propagação e interconexão de "múltiplos sistemas que remetem uns aos outros" (Revel, 2005, p. 42). Com relação à operacionalização da episteme, Soares (2025a) afirma que:

> Embora não constitua necessariamente uma noção operacional analítica, pode ser empregada como tal neste estudo para fins didáticos, considerando que sua amplitude abarca aquilo que se pode denominar como a verdade que sustenta a produtividade aceitável de toda e qualquer formação discursiva" (Soares, 2025a, p. 51).

Por meio do exame desse trecho, entende-se que mesmo não sendo uma categoria analítica precisa, a noção capta a estrutura subjacente que organiza e restringe a produção de conhecimento em um dado período histórico (Soares, 2025a), mostrando como alguns discursos

se tornam dominantes e outros são excluídos. Diante dessas considerações, nas quais as noções apresentadas constituem um instrumento de descrição-interpretação, a episteme representa a estrutura relacional mais ampla que engloba as práticas discursivas de uma época (Veyne, 2009), revelando como o saber e o poder se organizam e se limitam em um campo histórico específico (Soares, 2025a). Com essa base, passa-se à seção de análise.

3 Análise: discurso agro

Antes de se passar ao processo arqueogenealógico propriamente dito, primeiramente é preciso pontuar alguns procedimentos didáticos os quais facilitarão o exame dos enunciados, as observações acerca da função enunciativa, do trabalho das formações discursivas, da dinâmica silenciosa dos dispositivos e, sobretudo, a percepção sobre as relações de saber-poder que, amparadas por uma "vontade de verdade" (Foucault, 2014, p.19), exercem poder sobre o próprio processo de comunicação, estabelecendo-o como uma episteme, a qual "fundamenta a conexão com os elementos da comunicação e, consequentemente, desses com a criação dos sentidos" (Soares, 2025a, p. 48) que se querem informativos, neutros e objetivos.

No procedimento analítico, o itálico destacará os microenunciados em exame, evitando confundir o procedimento de descrição-interpretação com o processo de argumentação por citação. Após essa breve explicação, passa-se à descrição, delimitação e interpretação do enunciado.

> **Tocantins tem quase oito vezes mais gado do que habitantes, aponta Pesquisa Pecuária Municipal**
>
> **Estado registrou 11,6 milhões de cabeças de bovinos frente a 1,51 milhão de pessoas; levantamento também traz dados sobre aves, suínos, leite, ovos, mel e aquicultura.**



Em 2024, o Tocantins alcançou 11,6 milhões de cabeças de gado, conforme a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM). O estado figurou como o nono maior efetivo bovino do Brasil, que somou 238,1 milhões de animais no mesmo período. Quando comparado à população de 1,51 milhão de habitantes registrada no Censo 2022, o rebanho bovino tocantinense foi quase oito vezes superior ao número de pessoas.

Araguaçu liderou o ranking estadual, com 521.016 cabeças de gado em 2024. A cidade tinha 8.133 moradores em 2022, o que representa uma proporção de 64 animais para cada habitante. Em seguida aparecem Formoso do Araguaia (338 mil), Araguaína (302 mil), Peixe (298 mil), Arraias (284 mil) e Paranã (273 mil). Rio da Conceição teve o menor quantitativo, com 2.700 cabeças. [...].

Produção de leite e vacas ordenhadas

O Tocantins contabilizou 517.071 vacas ordenhadas em 2024, ocupando a 12ª posição entre as Unidades da Federação. Arraias teve o maior número (17.235), seguido por Arapoema (16.524) e Colméia (15.500). O menor registro foi de Caseara, com 86 vacas.

A produção leiteira atingiu 419.545 litros ao longo do ano, movimentando R$ 1,0 bilhão em valor de produção. Colméia (16,7 mil litros) e Araguatins (14,7 mil litros) apareceram entre os municípios que mais produziram. [...].

Tocantins entre os maiores produtores de aquicultura

O município de Almas foi o 23º maior produtor de aquicultura do Brasil em 2024, com 7,1 milhões de quilos. O tambaqui respondeu por 5,37 milhões de quilos, o que colocou a cidade em 3º lugar no ranking nacional. Na produção de piau, piapara, piauçu e piava, o município ocupou a 1ª colocação, com 333 mil quilos. Também esteve em 3º lugar em matrinxã (442 mil quilos) e em 4º na produção de pintado, cachara, cachapira, pintacheira e surubim (783 mil quilos) [...] (Feitosa, 2025, s/p).

Primeiramente é preciso compreender a natureza e a dimensão do enunciado supramencionado como um conjunto de microenunciados, estruturado sintática e semanticamente como uma "função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis [...]" (Foucault, 2017, p. 105). Em outros termos, como elemento concreto, o objeto a ser analisado representa um fio das várias teias discursivas constituintes do discurso político-midiático do agronegócio no Tocantins. O título do artigo, o subtítulo, bem como suas seções, formam uma função enunciativa (Foucault, 2017), a qual pode ser identificada como uma síntese da formação discursiva agro. Sua estrutura sintático-semântica é crucial para a produção de sentidos, atuando como um dispositivo de objetificação.

Ao se debruçar no exame do microenunciado, *Tocantins tem quase oito vezes mais gado do que habitantes, aponta Pesquisa Pecuária Municipal,* para descrever sua função enunciativa, percebe-se que o termo *Tocantins* delimita a região da prática discursiva, enquanto o sintagma verbal *tem* atribui uma posse ao estado, mas não uma posse ordinária, e sim de um quantitativo comercial de alto valor econômico. O sintagma nominal que se segue, *quase oito vezes mais gado do que habitantes*, funciona como objeto direto constituinte dos sentidos comparativos entre *gados* e *habitantes* no microenunciado. No sintagma verbal *aponta,* os sentidos de frieza matemática conferem um efeito de neutralidade e cientificidade ao estar configurado sintaticamente com o sintagma nominal *Pesquisa Pecuária Municipal,* o qual funciona como o agente responsável por essa *verdade*. Os elementos linguísticos *quase oito vezes mais... do que* estabelecem uma relação de comparação de superioridade.

A análise da função enunciativa também permite compreender como essa objetificação ocorre na materialidade do enunciado. No microenunciado *Estado registrou 11,6 milhões de cabeças de bovinos frente a 1,51 milhão de pessoas*, o verbo *registrou* atribui ao Estado uma agência de registro, enquanto os corpos (pessoas) são alocados em uma relação de *frente a*, uma preposição de oposição que os coloca em um plano de equivalência com o *gado*. O sintagma nominal *1,51 milhão de pessoas* funciona como um bloco numérico, esvaziado de qualquer singularidade ou traço humano. Essa estrutura linguística desloca o produtor de sua ação, transformando-o em um dado.

De modo similar, na proposição *Araguaçu liderou o ranking estadual, com 521.016 cabeças de gado [...] A cidade tinha 8.133 moradores [...] o que representa uma proporção de 64 animais para cada habitante*, a função enunciativa do verbo *liderar* é de atribuir à cidade, uma entidade abstrata, o ato de ampliar o volume de gado. Nesse trecho, a população é descrita pelo sintagma nominal *moradores*, que é imediatamente seguido pela proposição *64 animais*

para cada habitante, estabelecendo uma relação de equivalência entre o corpo humano e o animal. Assim, os corpos subjetivados pela formação discursiva do agronegócio são consumidos e homogeneizados na profusão das estatísticas, tornando-se uma mera unidade de cálculo em um universo regido pelo lucro.

Diante dessa observação, compreende-se que a profusão estatística é o principal dispositivo de convencimento. Os enunciados *O Tocantins contabilizou 517.071 vacas ordenhadas*, *A produção leiteira atingiu 419.545 litros*, e *foram contabilizadas 54.886 dúzias de ovos de galinha*, são funções enunciativas que produzem os sentidos de medição e quantificação. O verbo *contabilizar* age sobre o termo "vacas ordenhadas", enquanto o nome *produção* assume o papel de agente nos demais trechos. Nesse aspecto, a formação discursiva do agronegócio desloca a ação do sujeito humano e centraliza a agência no processo produtivo. Não se diz "os produtores ordenharam", mas a "produção atingiu", o que apaga o trabalho e a luta por trás dos números a partir de um saber institucionalizado.

Ao verificar a função enunciativa do referido microenunciado, entende-se que o objetivo deste, além de estabelecer a superioridade da produção agrícola, é produzir sentidos de hierarquização. De outro modo, o *gado*, como elemento do agronegócio, é superior aos *habitantes*. Desse ponto é preciso atentar-se à influência dos dispositivos midiáticos que em sua vontade de verdade (Foucault, 2014), pretendem "informar" dados estatísticos de modo constativo, isto é, sem a pretensão de produzir performatividade ou juízo de valores. Diante dessa perspectiva em que se contrapõem o dito e o excluído, percebe-se a influência da episteme da língua como instrumento de comunicação sobre o dispositivo Jornal Opção, na qual "a função principal da linguagem é a transmissão de informação"[4] (Soares, 2024, p. 3).

Nesse sentido, esse "saber validado historicamente" (Soares, 2025a, p. 125) pelos meios midiáticos, bem como sua proporcionalidade e dispersão no circuito social, excluem outros sentidos possíveis pelo caráter informacional. Este efeito de sentido estabelecido pela episteme vigente sobre a língua se apresenta como objetivo e transparente, exercendo uma espécie de deslocamento de sentido que tenta evitar a presença de uma equivalência entre *gado* e *habitantes*, por ser uma *"pesquisa"* de natureza científica. Essa vontade de verdade (Foucault, 2014), ao procurar estabelecer a produção do agro como relevante para o estado do Tocantins, projeta esses habitantes tocantinenses como meros dados estatísticos, objetificando-os quando configurados no mesmo plano dos animais pertencentes à grade de sintagmas que constituem a

[4] Tradução do original: "[…] *la función principal del lenguaje es la transmisión de información*".

formação discursiva da produção agropecuária, tais como *aves, suínos, leite, ovos, mel e aquicultura.*

Em relação à atualização das práticas discursivas, o título em análise é o ponto de partida para a regularidade que será desenvolvida na materialidade enunciativa. Como ressaltado, ao considerar a episteme da língua como ato performativo (Soares, 2024), entende-se que a profusão de dados estatísticos não é um mero recurso informativo, mas a materialização de um saber-poder que legitima a enunciação do dispositivo midiático Jornal Opção. A regularidade histórica reside na subordinação da vida, representada pelo sintagma *habitantes*, ao capital, simbolizado pelo sintagma *gado*, uma prática que encontra continuidade na episteme econômica e da produtividade agropecuária. Nesse sentido, há uma descontinuidade na forma como isso é apresentado.

Ademais, nos dois últimos séculos, a objetificação da força de trabalho era mais explícita, isto é, o trabalhador como "mão de obra". Já na contemporaneidade, essa objetificação se insere em uma perspectiva epistêmica de "desenvolvimento" e "progresso" pela automação dos processos, no qual os números "falam" por si sós e os agentes (agricultores, produtores rurais, pecuaristas, criadores, lavradores, trabalhadores rurais, engenheiros agrônomos, silvicultores, zootecnistas, arrendatários, meeiros etc.) são meros invólucros desses saberes institucionalizados, regulados pelos dispositivos institucionais (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; Bancos de desenvolvimento agrícola como o Banco do Brasil, Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, etc.), e dependentes dos dispositivos de produção (maquinário agrícola; laboratórios de análise; estruturas de produção animal; documentação técnica como registros, certificados fitossanitários, laudos técnicos, etc.). Nesse sentido, todas essas grades de saberes organizados historicamente possibilitam o setor agropecuário se sustentar como um campo científico.

Como saber institucionalizado, o qual influencia fortemente a vida em sociedade, a agropecuária começou a ser reconhecida como campo científico principalmente a partir do século XIX, com o surgimento institucional da agronomia (Oliver; Figueirôa, 2006). Ainda de acordo com Oliver e Figueirôa (2006, p. 105), "a emergência das ciências agrícolas no Brasil esteve, desde o início do século XIX, marcada pela necessidade de racionalizar a produção agrícola, de descobrir novas riquezas naturais e de manter as elites agrárias no poder". A partir dessas contribuições históricas, é possível perceber que o enunciado do Jornal Opção expressa uma projeção histórica da organização do saber agropecuário, o qual denota o poder sobre a

determinação das condições de possibilidade dos sentidos. Esse campo semântico-discursivo permeia a formação discursiva do agronegócio e, logo, determina também a maneira como a informação deve ser recepcionada e reproduzida, isto é, "interpreta-se o que se deve ou o que se pode" (Soares, 2024, p. 8).

Sobre a imagem que acompanha a matéria, com o foco inteiramente nos bovinos em um pasto verde, sua função enunciativa torna-se essencial para a manutenção da formação discursiva do agronegócio. Se de acordo com Soares (2018, p. 95), "o índice tem uma relação causal com seu objeto", nesse sentido, mesmo que o *gado* preceda o saber agropecuário, este conhecimento, manifestado em microenunciados como *o rebanho bovino tocantinense foi quase oito vezes superior ao número de pessoas [...]; a criação de suínos somou 191.280 cabeças no estado [...]; o total de matrizes suínas, fêmeas selecionadas para reprodução [...]; a produção leiteira atingiu 419.545 litros ao longo do ano [...], pressupõe* um trabalho técnico ou científico que tornou possível a eficiência nas reproduções.

Assim, a imagem do gado, como um ícone (Soares, 2018), bem como os nomes das cidades, suas classificações no ranking de produção e o quantitativo de suas produções, associados aos outros índices como "número ordinal, nome próprio [...]" (Soares, 2018, p. 95) são as marcas da eficiência da produção causadas pela ação humana, silenciadas na ilustração e ignoradas por um regime de saber no qual *habitantes*, ou mais precisamente *pessoas*, não se apresentam como "um estranho no ninho". Isto é, podem ser consideradas como uma categoria semanticamente compatível e equivalente a *gado, suíno, ave, peixe* sem causar estranhamento. De outro modo, o enunciado do Jornal Opção reproduz a formação discursiva do agronegócio, na qual o objeto de maior valor não é o saber humano empregado, mas a eficiência da produção que supera o próprio quantitativo de humanos.

Além disso, como percebido, o que se destaca na composição é a ausência de qualquer figura humana, seja o produtor rural, o trabalhador do campo ou o pecuarista, que historicamente aparecia no centro dos discursos da produção. Essa "falta" não é acidental, mas um artifício do dispositivo midiático para reforçar a objetificação do habitante tocantinense. Na perspectiva da formação discursiva do agronegócio, os *1,51 milhão de pessoas* não são representados como agentes dessa eficiência reprodutiva; são incorporados semanticamente ao despontarem nas categorias de microenunciados que compõem os dizeres midiáticos do Jornal Opção. São discursivizados como parte do pasto e do rebanho, consumidos pela profusão estatística dos índices (Soares, 2018) na configuração enunciativa. Nessa formação discursiva

do agro, não há espaço para o agente motivador das mudanças. Elas acontecem a partir de uma ordem maior, pré-estabelecida e anterior ao saber institucionalizado da agropecuária.

Antes da institucionalização da agropecuária, o controle sobre a produção rural era exercido majoritariamente por comunidades indígenas, grupos familiares, elites locais e autoridades religiosas, De acordo com Adilson Dias Paschoal (2024), no período colonial, as atividades agrícolas estavam sob domínio dos grandes proprietários rurais, capitães donatários e senhores de engenho, que estabeleciam as regras de trabalho e participação dos demais envolvidos. No contexto brasileiro, Alves et al. (2014) ressaltam que a agropecuária, antes de sua inserção institucional, refletia o poder das oligarquias agrárias, que controlavam não só os processos produtivos como também a mão de obra rural. Esses aspectos históricos marcam a anterioridade da institucionalização científico-estatal, na qual o domínio sobre a agropecuária era marcado por relações sociais, tradições, autoridade local e poder de grupos específicos, determinando quem tinha o acesso e o comando sobre os meios de produção.

Essa ordem, já estabelecia o domínio de um produtor central (o grande produtor de gado ou o Estado) e a ausência dos corpos profissionais que lidavam com a produção. Assim como na atualização dos dizeres do Jornal Opção, *pessoas* que constituem o saber agropecuário se apresentam como estatísticas, como se a terra e os animais se movessem por uma força própria, sem a intervenção do trabalho e do saber-fazer humano. Essa regularidade discursiva de objetificação dos corpos produtores, como ressaltado por Paschoal (2024) e por Alves et al. (2014), tem uma longa continuidade histórica, ligada à episteme da economia, na qual a força de trabalho é um mero fator de produção. Contudo, há uma descontinuidade em como isso é aplicado na contemporaneidade. De outro modo, a mídia de massa, munida de dados e rankings, intensifica e populariza esse discurso (Soares, 2022), tornando-o acessível e, aparentemente, incontestável. Por esse motivo, os corpos atravessados pelo saber institucionalizado não são somente subjetivados a essa ótica mercadológica, mas invisibilizados pela formação discursiva agro. Sua própria existência como sujeitos do saber é reconfigurada para se encaixar em uma lógica que os transforma em dado, em *commodity* e em objeto de comparação com o rebanho.

Considerações finais

Com a análise arqueogenealógica do discurso do Norte, foi possível demonstrar que o discurso sobre o agronegócio no Tocantins, materializado no enunciado jornalístico analisado, não é uma simples descrição da realidade, mas uma construção histórica atravessada por

relações de saber-poder que legitimam um determinado modelo de desenvolvimento e de sujeito. Ao se materializar sob um regime de saber-poder midiático cujo gerenciamento a torna "uma espécie de reguladora dos discursos" (Soares, 2022, p. 37), a formação discursiva do agronegócio se apresenta como conteúdo informativo, neutro e objetivo. Esses saberes difundidos reduzem a população tocantinense à sua produtividade agropecuária, esse discurso invisibiliza a complexidade e a diversidade da vida no estado.

Diante dessa percepção, a prática discursiva opera uma espécie de aniquilação simbólica dos corpos tocantinenses, alocando-os na mesma categoria de gado, suíno, aves e peixes, ao serem transformados em meros dados. Assim, o saber agropecuário e o saber midiático, juntos, produzem um enunciado político-midiático no qual os corpos dos habitantes do Tocantins são despidos de sua agência, de seus conflitos, de suas lutas por direitos e de suas próprias trajetórias históricas. A "verdade" midiática do agronegócio não tem espaço para as greves, para as invasões de terra, para o uso de agrotóxicos ou para as complexas relações de trabalho. De acordo com Soares (2022, p. 148), "novos regimes de saber formulam práticas, conforme condições históricas [...]". Por esse motivo, a episteme que sustenta essa verdade é a da eficiência e do lucro, no qual a dimensão humana é um obstáculo a ser superado ou, na melhor das hipóteses, um fator de produção a ser otimizado.

Nessa mesma perspectiva, verifica-se, a partir das mesmas estatísticas que compõem a episteme do agronegócio, que a automação agropecuária no Brasil representa uma profunda transformação das dinâmicas produtivas rurais e do perfil da força de trabalho no campo. O aumento expressivo do uso de máquinas e tecnologias digitais em lavouras e pecuária tem resultado, nas últimas décadas, em relevante crescimento da produtividade e eficiência operacional, permitindo a superação de limitações tradicionais impostas pelo trabalho manual, como a sazonalidade, a intensidade de esforço físico e os riscos inerentes ao trabalho rural. Dados do IBGE apontam que, entre 2006 e 2017, o setor agropecuário perdeu aproximadamente 1,5 milhão de trabalhadores, enquanto o número de estabelecimentos com tratores cresceu 50%. Máquinas, como colheitadeiras de cana, passaram a substituir em média cem trabalhadores cada, alterando radicalmente o formato do emprego rural. Essa modernização, por outro lado, tem imposto aos trabalhadores rurais a necessidade de qualificação técnica para operar, programar e manter equipamentos cada vez mais sofisticados. Desse ponto, as condições de verificabilidade facilita o entendimento de que, de certo modo, há uma causalidade no modo como a mídia retrata animais e corpos humanos, porquanto a cada década, os regimes de saber

agropecuários destituem a mão de obra humana de suas funções, ao promover equipamentos e inteligências artificiais para executarem esses trabalhos.

Nesse sentido, a homogeneização do corpo humano, representado pelo termo *habitantes*, com animais como gado, suíno, *ave e peixe*, se dá tanto pelo processo de automação na atualidade, quanto pela consequência de uma operação de regimes de saber (Soares, 2022) os quais buscam neutralizar a pluralidade. Ora, dessa perspectiva, passa-se então a aceitar que, se todos são "agentes do agro", a diversidade de interesses e as possíveis contradições de classe são dissimuladas. O proprietário de terra e o boia-fria, o pecuarista e o pequeno agricultor familiar, todos são integrados sob a mesma categoria discursiva de "produtor tocantinense", o que cria uma falsa unidade e um pacto de interesses no qual o poder se distribui de forma desigual.

Diante desse aspecto, a arqueogenealogia, ao questionar as condições de possibilidade desses enunciados, demonstra que essa estratégia de apagamento, longe de ser um erro ou omissão, é uma operação deliberada do saber-poder agropecuário, amparado por dispositivos midiáticos. Nesse sentido, o discurso, como enfatiza Foucault (2014, p. 10), "não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que, e com o que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". Por essa razão, compreende-se que a profusão de estatísticas e rankings é, portanto, a arma com a qual se luta para manter a hegemonia da episteme do agronegócio. Em nosso percurso analítico, essa episteme se apresenta como um regime de visibilidade que destaca a produção e obscurece o corpo produtor.

Portanto, diante dessas considerações, pode-se dizer que as contribuições da Análise Arqueogenealógica para o estudo do campo agropecuário são expressivas, porquanto permitem perceber os mecanismos de saber-poder que sustentam esse discurso, compreendendo ainda que a linguagem, com sua episteme vigente, é um espaço de disputa por sentidos e não um veículo neutro de comunicação (Soares, 2024). Em paralelo a essas contribuições, a análise possibilitou depreender como as relações de saber-poder operam por meio da produção e circulação de saberes, e não somente pela força, ou seja, o poder de repressão propriamente dito.

Ao final desse percurso, compreende-se, assim como Soares (2025b, p. 29), que se os regimes de saber são capazes "de fazer da língua, ora um espelho do mundo, ora ferramenta de comunicação, ora um lugar de interação", então estes, geralmente baseados nos discursos relativistas (dialéticos), podem "dar azo a inúmeras inverdades ou verdades parciais tomadas como absolutas" (Soares, 2025b, p. 40), como é o caso da objetificação dos habitantes tocantinenses pelo discurso político-midiático, atravessado pela formação discursiva do agronegócio, regido pela episteme econômica em vigor.

Referências

ALVES, Eliseu; BUAINAIN, Antônio Márcio; SILVEIRA, José Maria da; NAVARRO, Zander. **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/publicacoes/Livros/geral/O-mundo-rural.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

FEITOSA, Rozeane. Tocantins tem quase oito vezes mais gado do que habitantes, aponta Pesquisa Pecuária Municipal. **Jornal Opção**, 2025. Disponível em: https://tocantins.jornalopcao.com.br/noticias/tocantins-tem-quase-oito-vezes-mais-gado-do-que-habitantes-aponta-pesquisa-pecuaria-municipal-568635/. Acesso em 20 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2017 — Com aumento da mecanização, agropecuária perde 1,5 milhão de trabalhadores, **IBGE**, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25791-com-aumento-da-mecanizacao-agropecuaria-perde-1-5-milhao-de-trabalhadores. Acesso em: 20 nov. 2025.

OLIVER, Graciela de Souza; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Características da institucionalização das ciências agrícolas no Brasil. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 104-115, 2006. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2025.

PASCHOAL, Adilson Dias. **História da agricultura:** cinco séculos de agricultura no Brasil. Piracicaba: FEALQ, 2024. Disponível em: https://fealq.org.br/wp-content/uploads/2024/09/Historia-da-Agricultura-Cinco-Seculos-de-Agricultura-no-Brasil-Digital-c.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

REVEL, Judith. **Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico:** conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. **Formação discursiva: uma noção com dois fundadores**. In: PESSOA, Osalda Maria (org). Leitura, discurso e produção dos sentidos: múltiplas abordagens. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. p. 37-51

SOARES, Thiago Barbosa. Un recorrido por la noción de discurso o los límites de la interpretación. Logeion, Filosofia da informação, v. 11 n. 1, p. 1-12, 2024. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/7164. Acesso em: 20 nov. 2025.

SOARES, Thiago Barbosa. **Arqueogenealogias do discurso do Norte: sentidos e sujeitos tocantinenses**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Arquiteturas do Sentido: linguagem, história e simbolismo / Thiago Barbosa Soares**. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2025b.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. **Discurso do Norte:** Produções Identitárias, Apagamentos e interpelações em rede de dizeres sobre o Tocantins. São Paulo: Pontes Editores, 2023.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. **Projeções discursivas do Norte:** Efeitos de resistência, Conscientização e Consolidação Identitária o Tocantins. São Paulo: Pontes Editores, 2024.

VEYNE, Paul. **Foucault: O pensamento a pessoa**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.